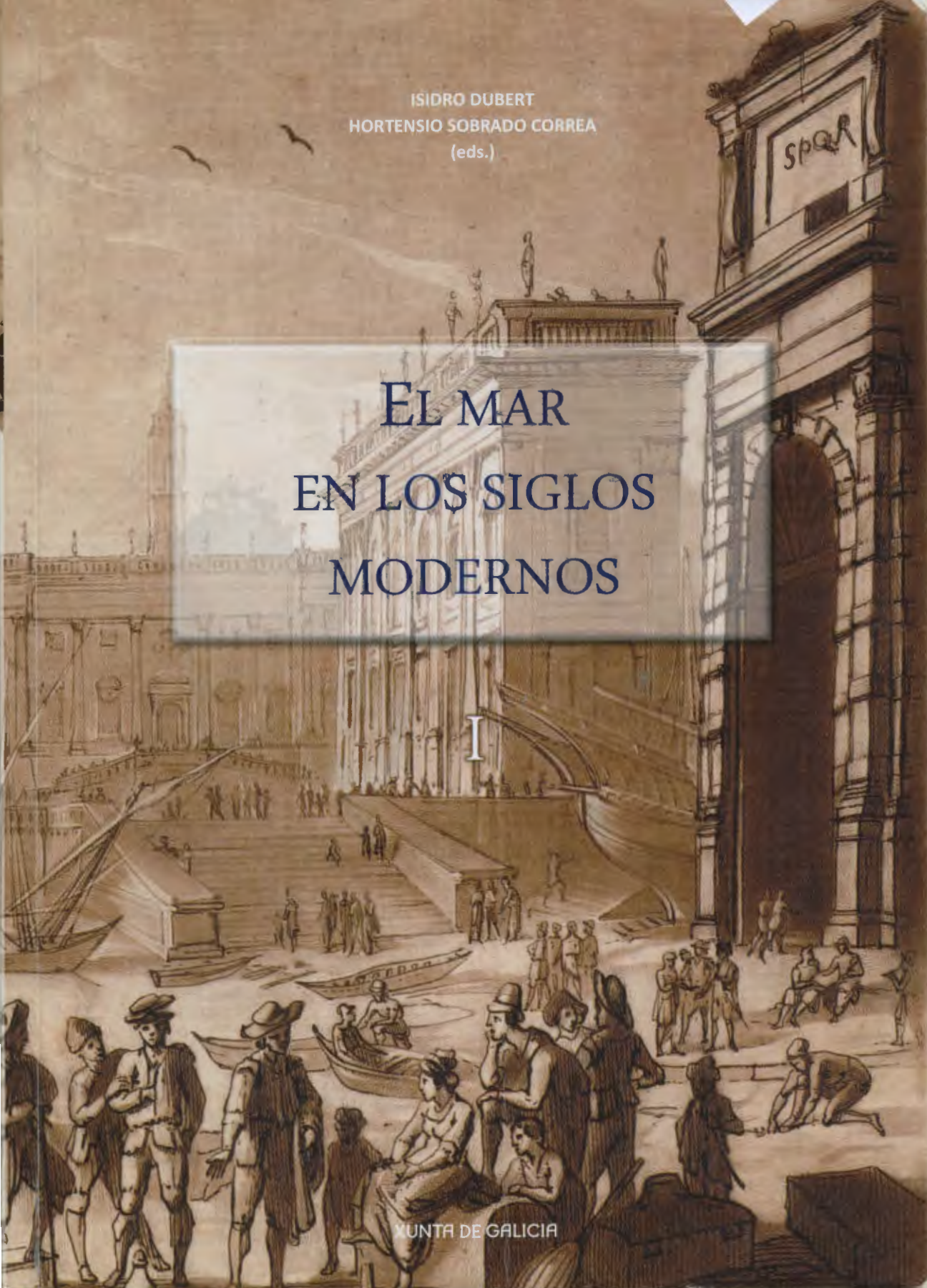


ISIDRO DUBERT  
HORTENSIO SOBRADO CORREA  
(eds.)

# EL MAR EN LOS SIGLOS MODERNOS

I

XUNTA DE GALICIA



# **Comunidades marítimas da Ilha do Pico: comportamentos demográficos durante os séculos XVIII e XIX\***

Carlota Maria Fernandes dos Santos

Universidade do Minho

## **Introdução**

De origem vulcânica e descobertas desabitadas por navegadores portugueses em finais da terceira década do século XV, as ilhas que integram o arquipélago dos Açores localizam-se no Oceano Atlântico a cerca de 1500 Km do continente europeu alinhando-se em três grupos geográficos: oriental (Santa Maria e S. Miguel), central (Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico e Faial) e ocidental (Flores e Corvo).

A ilha do Pico, sendo numa perspectiva geológica e tectónica um prolongamento da ilha do Faial<sup>1</sup> da qual dista apenas 6 Km, é dominada por uma montanha que se eleva a 2351 m de altitude. As populações, condicionadas desde o início do povoamento por uma orografia complexa, fixaram-se nas partes baixas do litoral onde as melhores terras foram aproveitadas para a cultura de legumes, tubérculos, árvores de fruto, cereais e tabaco. Os terrenos altos são ocupados por pastagens que podem ultrapassar os 800 m de altitude e por matas ou núcleos de floresta onde proliferam algumas espécies originárias dos Açores.

O solo é pouco adequado para o cultivo de cereais, sobretudo na região ocidental da ilha. Aqui, tanto a suavidade climatérica como a benignidade da terra, fertilizada por descidas de

\* Investigação desenvolvida no âmbito do Projecto POCI/HAR/60940/2004, co-financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) e pelo FEDER, através do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010.

<sup>1</sup> ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, C. R. e FERREIRA, O. V. – «Étude géologique de l'île de Pico (Açores)», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 46, 1962, separata.

lava vulcânica recente, proporcionaram condições favoráveis ao desenvolvimento da vitivinicultura, permitindo assegurar ao longo dos tempos a exportação de um vinho da melhor qualidade para os mercados do Norte da Europa, Rússia, Estados Unidos da América e Brasil. Em 1853 a produção vinícola do Pico foi drasticamente reduzida por uma praga de oídio que devastou grande parte dos vinhedos da região<sup>2</sup>, provocando o abandono dos campos e o empobrecimento de um sector significativo da população incluindo não apenas trabalhadores rurais mas ainda artesãos, afectos ao fabrico e preparação do vasilhame, ou marítimos e portuários ocupados nas tarefas de embarque e distribuição.

A condição insular e a inaptidão das terras mais altas para a exploração agrícola sempre favoreceram as actividades marítimas, estimulando a pesca, a navegação de cabotagem e, em finais do século XIX, a indústria baleeira.

Actualmente, a ilha compreende três municípios: S. Roque (região Norte), Lajes (região Sul) e Madalena (região Oeste). Embora o processo de ocupação humana, que ronda o ano de 1460, se tenha desenvolvido a partir dos dois primeiros núcleos, o intenso crescimento demográfico verificado durante o século XVII, muito superior ao das restantes ilhas do arquipélago<sup>3</sup>, projectou-se no alargamento da área povoada a ocidente e justifica a elevação da paróquia da Madalena a Vila e sede de município em Março de 1723, abrangendo no seu perímetro administrativo as paróquias da Madalena, Bandeiras, Candelária e S. Mateus. No século XIX serão fundadas as freguesias da Criação Velha, em 1801, e de S. Caetano em 1886, por desmembramento da Madalena e de S. Mateus respectivamente. (Figura 1).

Para a região da Madalena, construímos uma ampla base de dados demográfica e genealógica<sup>4</sup> dando continuidade espacial a bases de dados já existentes para as freguesias de S. Mateus/S. Caetano<sup>5</sup> e Criação Velha<sup>6</sup>. No sentido de detectar comportamentos demográficos diferenciados no interior da população, procedemos ao cruzamento nominativo da informação relativa às actividades profissionais dos homens em idade activa, facultada por mapas e listagens da população produzidos durante os séculos XVIII e XIX.

As fontes oitocentistas permitiram localizar ao longo do litoral a implantação de agregados domésticos cuja sobrevivência dependia quase exclusivamente dos recursos oferecidos pelo mar. Classificados como marítimos, os chefes destas famílias podiam ser pescadores, remadores, baleeiros ou navegantes, normalmente sem acesso à propriedade de embarcações. Embora o porto da Madalena e o da Areia Larga, que lhe é imediatamente contíguo,

<sup>2</sup> MACEDO, A. L. S. – *História das quatro ilhas que formam o distrito da Horta*, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Angra do Heroísmo, 3, 1981.

<sup>3</sup> MADEIRA, A. B. – *População e emigração nos Açores (1766-1820)*, Patrimonia, Cascais, 1999.

<sup>4</sup> SANTOS, C. M. – *Biodemografia do concelho da Madalena – Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico*, tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2004.

<sup>5</sup> AMORIM, M. N. – *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 1992.

<sup>6</sup> MESQUITA, M. H. – *Evolução demográfica na Criação Velha, paróquia do Sul do Pico (1801-1993)*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, 1998.



Figura 1. Mapa da ilha do Pico. Localização das paróquias, distribuídas em três municípios: Madalena, S. Roque e Lajes

funcionassem como um importante pólo de fixação destas comunidades dada a posição estratégica que ocupam face à ilha do Faial, também os lugares da Calheta e Prainha do Galeão, em S. Mateus, concentravam um número significativo de marítimos, muito superior ao que se registava no pequeno porto do Calhau na freguesia da Candelária.

Numa sociedade tipicamente rural estruturada sobre uma economia de subsistência, viver exclusivamente da pesca nem sempre era viável. A inconstância do mar e a sua inclemência no Inverno impedia os pescadores de manterem uma actividade permanente. Por outro lado, o consumo regular de peixe não era acessível a uma grande parte das famílias, recorrendo-se à salga de algumas espécies mais abundantes, como o chicharro e o bonito, adquiridas no Verão para serem consumidos quando, na estação mais fria, o acesso ao mar era dificultado. Neste contexto instável, alguns pescadores dedicavam-se alternada ou simultaneamente ao trabalho rural, garantindo assim o sustento do agregado doméstico.

No presente estudo, adoptando uma perspectiva micro-analítica, procedemos a uma análise diferencial na população do município da Madalena, evidenciando a especificidade de comportamentos demográficos nas suas comunidades marítimas.

## Material e Métodos

A metodologia de «reconstituição de paróquias»<sup>7</sup> utilizada neste trabalho implicou a recolha serial dos dados fornecidos pelos registos de nascimentos, casamentos e óbitos produzidos entre 1670 e 1970 nas freguesias que actualmente integram o município da Madalena. A sua organização conduziu à formação de seis bases de dados paroquiais, posteriormente sujeitas a um processo de fusão interparoquial exigindo a detecção das famílias que, ao longo do seu

percurso de vida, transitaram entre duas ou mais localidades e, por esse motivo, se repetiram nos vários ficheiros em função dos actos vitais registados. Das várias fichas que lhes correspondem, resultou uma única para a qual foram deslocadas todas as informações parciais relativas aos componentes do agregado. No sentido de homogeneizar as características da observação, adoptámos um critério uniforme ao eleger a paróquia de fixação, fazendo-a coincidir com aquela onde foi celebrado o matrimónio ou, na sua ausência, com a que registou um maior número de actos. A partir do ficheiro integrado de famílias foi gerado, por desdobramento e de forma semi-automática, um ficheiro individual aberto à reconstrução genealógica onde constam as informações atribuíveis a cada indivíduo: nome e apelidos, sexo, naturalidade, profissão, residência, número de ficha familiar de origem, actos vitais próprios, dos progenitores e do cônjuge, estado civil ao óbito. No total, contabilizaram-se 16015 fichas de família e 73489 fichas de indivíduos, compreendendo 12366 casamentos, 58924 nascimentos (legítimos e ilegítimos) e 29843 óbitos.

No sentido de proceder a uma análise demográfica focalizada sobre os comportamentos das famílias chefiadas por homens afectos à actividade marítima, e uma vez que até à segunda década do século XIX os registos paroquiais não referem de forma sistemática as profissões da população activa, identificamos na base de dados a maior parte dos indivíduos registados em 1770 na *Lista de marítimos da ilha do Pico*<sup>8</sup>, cruzando a informação dos que foram recenseados nos principais portos da região da Madalena. À semelhança do que sucede para as restantes as ilhas do arquipélago, e em resultado das instruções veiculadas pela administração da Capitania Geral dos Açores instituída no ano de 1766, esta listagem<sup>9</sup> refere o nome de todos os homens que navegam ou navegaram nos diferentes portos da ilha, declarando a respectiva naturalidade, idade e estado civil. Confrontando as idades atribuídas na fonte com as idades calculadas através do processo de reconstrução familiar, constatamos porém frequentes desvios resultantes de uma persistente tendência para o arredondamento pela parte dos agentes da administração insular incumbidos do arrolamento dos marítimos.

Para estimar a representatividade deste grupo ocupacional na população da paróquia onde se centram as suas actividades profissionais, utilizámos os dados fornecidos pelo *Mapa da População da ilha do Pico em 1770*<sup>10</sup>. Uma vez que os efectivos populacionais totais aqui referidos excluem os indivíduos «menores de comunhão» (de 7 a 12 anos para o sexo feminino e de 7 a 14 anos para o sexo masculino) e ainda os «menores de confissão» (todas as crianças com idade inferior a 7 anos), foi necessário aplicar um coeficiente de correcção equivalente a 12.1 para a primeira situação e a 16.8 para a segunda. Estes valores, que reflectem as médias encontradas para os referidos grupos etários em mapas da população mais

<sup>7</sup> AMORIM, M. N. – «Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses», *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, IX, 1, 1991, 7-25.

<sup>8</sup> Arquivo Histórico Ultramarino, Açores, *Lista de marítimos do Pico em 1770*, cx. 7, nº 16.

<sup>9</sup> Para a contextualização e crítica desta fonte, cf. MENESES, A. F. – «Os Marítimos nos Açores em 1770-1771», em *Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal - Portos, escalas e ilhéus no relacionamento entre o Ocidente e o Oriente*, Edição Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses e Universidade dos Açores, 1, 2001, 431-457.

<sup>10</sup> Arquivo Histórico Ultramarino, Açores, *Mapa da População da ilha do Pico em 1770*, cx. 8, nº 6.



completos produzidos para a ilha do Pico entre 1776 e 1796<sup>11</sup>, permitem uma aproximação fiável do número de crianças e jovens presentes nas várias freguesias do município em 1770, assim como a avaliação dos efectivos totais.

Com a mesma finalidade, foram analisados os *Mapas da População de 1838*<sup>12</sup>, elaborados com objectivos civis pelas entidades eclesiásticas e sem obediência a formulário impresso. Estas listas de habitantes referem quase sem lacunas a idade de todos os residentes, especificando as profissões masculinas mas raramente as ocupações femininas. No entanto, as informações facultadas pelo mapa da população de S. Mateus comprovam que muitas mulheres desempenhavam actividades lucrativas enquanto lavadeiras, tecedeiras, taberneiras e costureiras, contribuindo assim para o rendimento global do agregado doméstico. Para as freguesias da Madalena e de S. Mateus é ainda estabelecida uma distribuição por fogos, apresentada por hierarquia familiar.

Para a observação da evolução populacional num período plurissecular, foram extraídos os dados provenientes dos *Mapas da População de 1819 e 1826*<sup>13</sup>, e dos recenseamentos portugueses produzidos de 1864 a 1970, considerando a população *de facto* registada em cada ano. Os ritmos de crescimento geométrico foram avaliados através do indicador Taxa de crescimento anual médio<sup>14</sup>.

## Resultados

Os registos paroquiais setecentistas são frequentemente omissos quanto à indicação das actividades profissionais dos indivíduos. Assim, por uma questão de representatividade, limitámos a análise dos comportamentos demográficos às gerações nascidas a partir de 1780.

### 1. Aspectos globais da população

A leitura da Tabela 1 permite apreciar a evolução da população num período de larga duração, revelando um crescimento notável entre 1770 e 1826, com o volume de efectivos a ascender aos 8903 em 1819 e aos 11131 em 1826, valores que se traduzem em taxas de crescimento anual médio de 0.51% no primeiro intervalo temporal e de 3.24% no segundo. Após uma década de estancamento populacional, renunciando um extenso período recessivo com termo em 1920, insinuou-se um movimento de débil recuperação progredindo em ritmo moderadamente ascendente até 1950. Neste ano a taxa de crescimento anual médio eleva-se para 0.82%, iniciando-se então uma fase de desaceleração que se intensifica durante a década de 1960 expressando-se na mais alta taxa de crescimento anual médio negativo verificada ao longo de dois séculos (-1.96%). Em 1970 o número de habitantes seria equiparável ao que foi estimado para o ano de 1770.

<sup>11</sup> MADEIRA, A. B. – *População e emigração nos Açores (1766-1820)*, Patrimonia, Cascais, 1999, 38.

<sup>12</sup> Arquivo do Governo Civil da Horta, *Mapas da População das Freguesias da Madalena, Criação Velha, Bandeiras, Candelária e S. Mateus em 1838*, (sem tratamento arquivístico).

<sup>13</sup> Arquivo do Governo Civil da Horta, *Mapas da População das Freguesias do Concelho da Madalena em 1819 e 1826*, (sem tratamento arquivístico).

TABELA 1. ASPECTOS GLOBAIS DA POPULAÇÃO NO MUNICÍPIO DA MADALENA

Indicadores	Anos														
	1770	1819	1826	1838	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970
<b>Volume populacional</b>	6932	8903	11131	11170	9528	9044	8644	8432	7682	7224	7229	7631	8280	8359	6860
<b>Densidade populacional</b>	46.5	59.7	74.7	74.9	63.9	60.7	58.0	56.6	51.5	48.5	48.5	51.2	55.5	56.1	46.0
<b>TCAM(%)</b>		0.51	3.24	0.03	-0.61	-0.37	-0.38	-0.25	-0.84	-0.68	0.01	0.54	0.82	0.09	-1.96

Os dados da Tabela 2 apresentam a distribuição de marítimos por freguesias nos anos de 1770 e 1838. Excluindo dos cálculos a paróquia das Bandeiras, onde não existe porto de mar, verificamos que embora em números absolutos se tenha observado um acréscimo do primeiro para o segundo momento, a proporção de marítimos em toda a população do município diminuiu de 1.8% para 1.6%. Neste contexto, Madalena e Criação Velha acusam a maior descida (de 2% para 1.4%) enquanto S. Mateus e S. Caetano mantêm a respectiva percentagem praticamente inalterada. A freguesia da Candelária será a única a registar um acréscimo significativo de marítimos tanto em termos absolutos (de 8 para 23) como em termos percentuais (de 0.6% para 1.1%).

TABELA 2. POPULAÇÃO MARÍTIMA EM 1770 E 1838

Freguesias	População total	1770		
		Marítimos(N)	% de marítimos na população total	% de marítimos na população activa masculina
Madalena/C. Velha	2606	52	2.0	**
Bandeiras	1001	0	0	**
Candelária	1298	8	0.6	**
S. Mateus/S. Caetano	2027	44	2.2	**
<b>Município Madalena</b>	6932	104	*1.8	**
		<b>1838</b>		
Madalena/C. Velha	4396	63	1.4	6.1
Bandeiras	1238	0	0	0
Candelária	2039	23	1.1	3.9
S. Mateus/S. Caetano	3497	73	2.1	8.1
<b>Município Madalena</b>	11170	159	*1.6	6.3

\* Excluída a freguesia das Bandeiras.

\*\* Dados inexistentes.

Para a avaliação do peso dos marítimos na população activa masculina, e na impossibilidade de analisar a sua evolução dada a ausência de classificação etária dos indivíduos no Mapa de 1770, procedemos a uma comparação entre as várias paróquias no ano de 1838 constatando que a representação deste grupo ocupacional era mais forte em S. Mateus/S. Caetano (8.1%), seguindo-se a Madalena/Criação Velha onde 6.1% dos homens em idade activa viviam dos recursos do mar, e finalmente a Candelária onde apenas 3.9% se encontravam em idêntica situação.

As características da costa de S. Mateus, particularmente favoráveis na Prainha do Galeão (lugar central da actual freguesia de S. Caetano), onde a ligação ao mar é facilitada através da mais extensa e abrigada baía do Sul do Pico, contribuíram sem dúvida para o dinamismo da sua comunidade marítima. Por outro lado, a maior diversidade de actividades profissionais na sede administrativa e, sobretudo, a natural concentração de actividades terciárias associadas à função pública, justificam a diluição do sector marítimo no conjunto dos activos apesar da sua importância para o desenvolvimento da economia da região, articulada em torno do porto da Madalena. Finalmente, a ruralidade da Candelária e a pequena dimensão do porto do Calhau constituem factores explicativos para a sua menor representação na população activa, apesar do aumento de efectivos registados, seguramente associado ao intenso ritmo de crescimento populacional observado nesta paróquia entre 1770 e 1819<sup>15</sup>.

## 2. Análise diferencial da nupcialidade e da fecundidade legítima

Numa época de natalidade não controlada, a idade média ao primeiro casamento constitui um dos indicadores mais expressivos da nupcialidade, enquanto factor determinante dos níveis de fecundidade legítima e da dimensão familiar. Visando avaliar estas interacções numa perspectiva diferencial, calcularam-se as idades médias dos nubentes considerando apenas os matrimónios potencialmente «úteis» do ponto de vista da capacidade reprodutiva da mulher que, teoricamente, tem início aos 12 anos e raramente ultrapassa os 49 anos.

De 1720 a 1899, a evolução dos comportamentos nupciais em cada década (Tabela A1) assim como a sua variação temporal projectada em médias móveis de 3 décadas (Figura 2) revelaram tendências comuns à maior parte das sociedades rurais europeias do antigo regime demográfico<sup>16</sup>. Assim, num quadro de manifesta superioridade etária masculina, registaram-se idades médias elevadas em qualquer período e um aumento notório em ambos os sexos entre 1840 e 1870, com valores máximos em 1860 que rondam os 31 anos nos homens e ultrapassam os 29 anos nas mulheres. Reconhecendo o papel preponderante da vitivinicultura

<sup>14</sup> Taxa de Crescimento Anual Médio (TCAM) =  $P_n = P_0 (1 + a)^n$ .

<sup>15</sup> SANTOS, C. M. – *Biodemografia do concelho da Madalena – Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico*, tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2004, 58.

<sup>16</sup> FLINN, M. W. – *The European Demographic System, 1500-1820*, The Harvester Press; Suffolk, 1981; HENRY, L. e HOUDAILLE, J. (1978) – «Célibat et âge au mariage aux XVIIIe et XIXe siècles en France, I. Célibat définitif», *Population*, 33, 1, 1978, 43-84.



na economia da região, será de admitir uma estreita associação entre este fenómeno e a perturbação conjuntural despoletada pela crise das vinhas que, alastrando na região a partir de 1853, pressionou a população masculina a emigrar, provocando uma acentuada desproporção entre sexos em idade reprodutiva<sup>17</sup>.

**FIGURA 2. IDADE MÉDIA AO PRIMEIRO CASAMENTO (<50 ANOS)  
PERÍODOS DE 1720 A 1899 (MÉDIAS MÓVEIS DE 3 DÉCADAS)**



Para o século XIX, a comparação das idades relativas aos casais cujos recursos provêm da actividade marítima com as da população em geral (Tabela 3), revela que os primeiros casaram sempre em idade menos tardia (com uma variação entre 24.9-28.9 anos nos homens e 22.7-27.2 anos nas mulheres), relativamente ao conjunto da população (onde os valores variam entre 27.6-30.4 anos nos homens e 24.9-27.9 anos nas mulheres). Embora no primeiro caso a variabilidade seja maior em qualquer dos sexos, as grandes diferenças entre idades médias sugerem uma menor vulnerabilidade dos marítimos a constrangimentos sociais relacionados com a posse ou a propriedade da terra cuja transmissão hereditária tende a gerar estruturas familiares menos flexíveis<sup>18</sup>, constrangendo os indivíduos a adiar o seu matrimónio.

<sup>17</sup> SANTOS, C. M. – *Biodemografia do concelho da Madalena – Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico*, tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2004, 55-59.

<sup>18</sup> LIVI-BACCI, M. – *A Century of Portuguese Fertility*, Princeton University Press, Princeton, 1971.

TABELA 3. IDADE MÉDIA AO PRIMEIRO CASAMENTO (&lt;50 ANOS)

Períodos	Períodos de 1800 a 1899			
	Homens		Mulheres	
	N	Idade média	N	Idade média
	<b>Marítimos</b>			
<b>1800-1824</b>	38	24.9	39	22.7
<b>1825-1849</b>	43	25.9	45	24.4
<b>1850-1874</b>	78	28.9	90	27.2
<b>1875-1899</b>	87	25.0	102	24.8
	<b>Toda a população</b>			
<b>1800-1824</b>	1052	27.6	1131	24.9
<b>1825-1849</b>	997	28.1	1074	25.3
<b>1850-1874</b>	722	30.4	776	27.9
<b>1875-1899</b>	751	28.7	868	26.9

A análise transversal da fecundidade legítima na região (Tabela A2) permitiu distinguir um primeiro longo período que se prolonga até 1879, durante o qual se observaram níveis relativamente baixos para todo o século XVIII e ainda para os anos compreendidos entre 1820 e 1849, contrastando com mais elevadas taxas registadas de 1800 a 1819 e de 1850 a 1879. Esta última data assinala o início de um novo período na vida reprodutiva da população, cujo recurso a práticas contraceptivas incipientes é indiciado pela subida de valores no grupo de mulheres com idades dos 20 aos 24 anos e pela sua descida nas faixas etárias seguintes.

Tomando como referência os valores sintetizados por Flinn<sup>19</sup> para um conjunto representativo de sociedades europeias pré industriais, e ainda as taxas calculadas para uma série de comunidades rurais do Norte de Portugal, onde se incluem Rebordãos<sup>20</sup>, Cardanha<sup>21</sup>, Poiães<sup>22</sup>, Bougado<sup>23</sup> e Ronfe<sup>24</sup>, podemos concluir que os níveis de fecundidade na região da Madalena se apresentaram relativamente menos elevados, acusando a interferência de mecanismos redutores possivelmente associados a uma fraca incidência da mortalidade infantil<sup>25</sup> e a hábi-

<sup>19</sup> FLINN, M. W. – *The European Demographic System, 1500-1820*, The Harvester Press; Suffolk, 1981.

<sup>20</sup> AMORIM, M. N. – *Rebordãos e a sua População nos séculos XVII e XVIII*. Estudo Demográfico. Imprensa Nacional, Lisboa, 1973.

<sup>21</sup> AMORIM, M. N. – *Método de exploração dos livros de registos paroquiais. Cardanha e a sua população de 1573 a 1800*, Centro de estudos Demográficos - I.N.E, Lisboa, 1980.

<sup>22</sup> AMORIM, M. N. – «S. Pedro de Poiães e a sua população de 1561 a 1830», *Brigantia*, 3, 1983, 273-304, 377-418, 531-576.

<sup>23</sup> ALVES, J. F. – *Uma comunidade rural do Vale do Ave. S. Tiago de Bougado: 1650-1849 (estudo demográfico)*, dissertação de mestrado, Universidade do Porto - Faculdade de Letras, 1986.

<sup>24</sup> SCOTT, A. S. – *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (Séculos XVIII e XIX)*, Universidade do Minho - NEPS/ICS, Guimarães, 1999.

<sup>25</sup> SANTOS, C. M. – *Biodemografia do concelho da Madalena – Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico*, tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2004, 183-188.

tos de amamentação prolongada, que teriam como consequência o alargamento dos intervalos intergenésicos.

**TABELA 4. TAXAS DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA POR GERAÇÕES FEMININAS (%)**

Gerações	Grupos de idade							
	N	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
	<b>Marítimos</b>							
<b>1780-1839</b>	99	0.476	0.443	0.338	0.381	0.302	0.173	0.024
<b>1840-1899</b>	175	0.494	0.439	0.401	0.354	0.256	0.135	0.019
	<b>Toda a população</b>							
<b>1780-1839</b>	2137	0.343	0.410	0.373	0.342	0.291	0.179	0.020
<b>1840-1899</b>	1539	0.395	0.428	0.373	0.315	0.244	0.112	0.14

Procedendo a uma análise longitudinal desenvolvida a partir da história reprodutiva de sucessivas gerações femininas (Tabela 4), menos influenciada por efeitos colaterais produzidos em cada período, constatamos que em qualquer grupo de gerações as taxas de fecundidade calculadas para as mulheres casadas com marítimos foram sempre mais altas, reflectindo a maior antecipação do seu matrimónio e cumulativamente uma menor duração dos intervalos intergenésicos médios. De facto, os dados obtidos pelo cálculo de sucessivos intervalos para mulheres que constituíram família durante o XIX e que geraram pelo menos 8 filhos (Tabela A3) indica que todos eles foram menos alargados em cerca de dois meses, à excepção do 2º intervalo onde a diferença relativamente a toda a população é inferior a 30 dias.

Para estimar o tamanho médio familiar, em grande medida determinado pelas variáveis acima referidas, foram seleccionadas todas as famílias para as quais se conhece o início e fim de união, em função dos filhos nascidos vivos.

Uma primeira leitura da Tabela 5 confirma o que já era previsível: o número médio de filhos por família atingiu um valor superior nos agregados chefiados por marítimos, quer se considerem todas as famílias (5.3) quer apenas as que geraram descendência (6.0), já que para toda a população se encontraram valores de 4.3 e 5.1 respectivamente.

Estes resultados reflectem seguramente a interferência das menores idades médias ao casamento observadas no primeiro caso, já que estas contribuem para uma teórica expansão do período reprodutivo da mulher, diminuindo simultaneamente as probabilidades de esterilidade feminina devida a uma acrescida mortalidade intra-uterina. A actuação conjunta destes factores poderá explicar não só a mais baixa percentagem de casais inférteis nas famílias de marítimos (11%) relativamente à que foi encontrada para toda a população (15.7%), mas também o valor das frequências acumuladas de casais com 7 e mais filhos que ascende aos 38.6% no grupo de marítimos, não ultrapassando os 27% no conjunto populacional.

TABELA 5. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS SEGUNDO O NÚMERO DE FILHOS

Número de Filhos	1800-1899			
	Marítimos		Toda a população	
	N (famílias)	%	N (famílias)	%
0	33	11.0	783	15.7
1	21	7.0	473	9.4
2	15	5.0	479	9.6
3	25	8.3	456	9.1
4	29	9.7	475	9.5
5	29	9.7	476	9.5
6	32	10.7	509	10.2
7	35	11.7	431	8.6
8	27	9.0	344	6.9
9	22	7.3	249	5.0
10	14	4.7	166	3.3
11	9	3.0	82	1.6
12	6	2.0	44	0.9
13	1	0.3	23	0.5
14	2	0.6	6	0.1
15	-	-	3	0.1
16	-	-	2	0.0
<b>Total</b>	300	100	5001	100
	<b>Média de filhos/família</b>			
		5.3		4.3
	<b>Média de filhos/família fecunda</b>			
		6.0		5.1
	<b>% de infertilidade</b>			
		11.0		15.7

Procurando avaliar o impacto das concepções pré-nupciais nos níveis de fecundidade (Tabela A4), verificamos ainda que a sua maior frequência ocorre nos casais de marítimos, com 11.1% de casos, acentuando os efeitos produzidos por um primeiro matrimónio mais precoce.

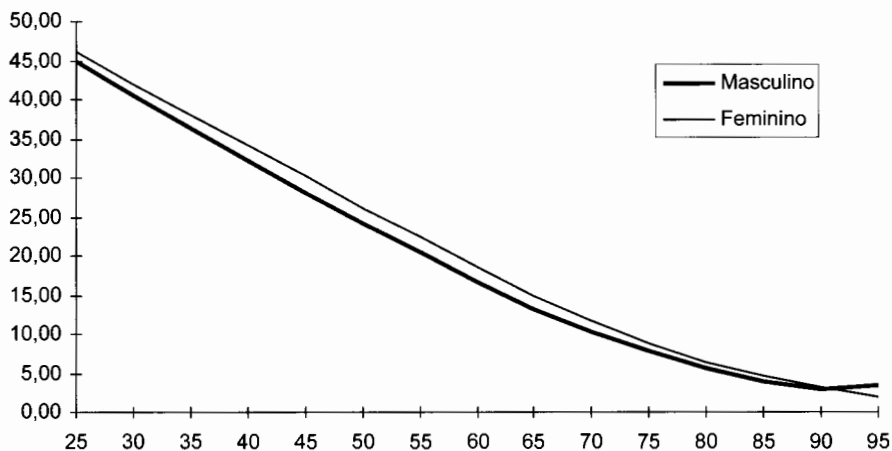
### 3. Aproximação a uma mortalidade diferencial

Sabemos que ao longo do antigo regime demográfico as taxas de mortalidade infantil e de mortalidade adulta na ilha do Pico, obtidas através de processos microanalíticos, foram sempre pouco penalizadoras, sendo também raras as crises de mortalidade observadas num período

plurissecular<sup>26</sup>. Numa abordagem comparativa, foi igualmente encontrada para meados do século XIX uma Taxa Bruta de Mortalidade bastante inferior à das restantes ilhas do arquipélago, assumindo valores pouco comuns tanto no contexto português como no contexto europeu da mesma época<sup>27</sup>.

Partindo destes pressupostos, procederemos a uma aproximação da mortalidade diferencial no município da Madalena, observando a esperança de vida das gerações nascidas entre 1780 e 1870. Dada a intensa mobilidade que sempre afectou as suas populações, optámos por circunscrever a análise ao grupo presumivelmente mais estável, o dos adultos casados. Constituindo duas amostras, uma para toda a população e outra para os casais de marítimos, estimamos para cada sexo a probabilidade de sobrevivência a partir dos 25 anos, ancorada no limite inferior de grupos de idades com intervalo de 5 anos.

**FIGURA 3. ESPERANÇA DE VIDA DOS INDIVÍDUOS CASADOS  
GERAÇÕES NASCIDAS DE 1780 A 1870 (TODA A POPULAÇÃO)**



Considerando a generalidade da população (Figura 3 e Tabela A5), confirma-se a elevada expectativa de sobrevivência na região em ambos os sexos, mas particularmente nas mulheres. Com uma esperança de vida de 46 anos no primeiro grupo de idades, estas registaram sempre valores superiores aos dos homens, com excepção para os dois últimos grupos etários onde a escassez de observações introduz uma variação aleatória não significativa. As diferenças

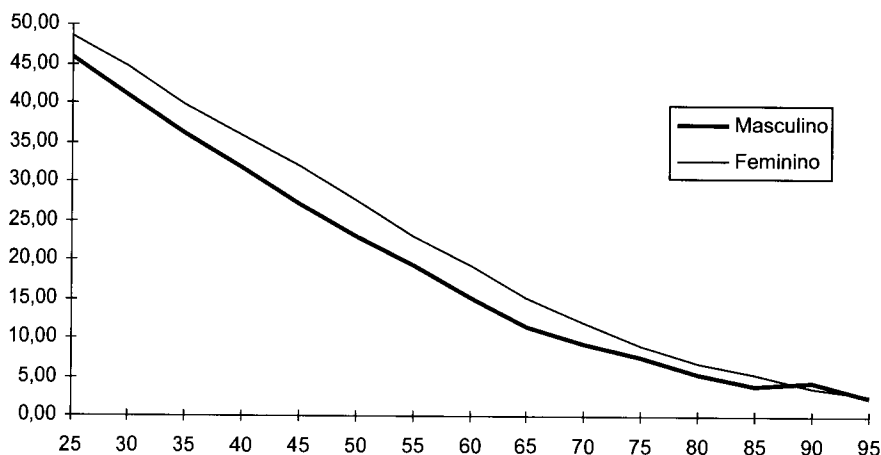
<sup>26</sup> AMORIM, M. N. - *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 1992, 209-250; MESQUITA, M. H. - *Evolução demográfica na Criação Velha, paróquia do Sul do Pico (1801-1993)*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, 1998, 109-140; SANTOS, C. M. - *Biodemografia do concelho da Madalena - Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico*, tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2004, 163-188.

<sup>27</sup> ROCHA, G. e RODRIGUES V. - «A população dos Açores no ano de 1849», *Arquipélago*, nº especial, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1983.

mais acentuadas entre sexos verificam-se dos 35 aos 60 anos, correspondendo a uma amplitude que ronda os dois anos.

Estes resultados gerais apontam para uma confluência de factores favoráveis, provavelmente associados ao clima, à alimentação e ao isolamento geográfico que, numa época de frequente ocorrência de surtos epidémicos, teria propiciado a redução da probabilidade de contracção de doenças letais transmitidas por contágio. Por outro lado, a participação activa da mulher picoense em tarefas agrícolas tradicionalmente realizadas por homens na maior parte das ilhas do arquipélago<sup>28</sup>, poderia ter contribuído para otimizar a sua resistência física e diminuir a vulnerabilidade a eventuais acidentes de maternidade.

**FIGURA 4. ESPERANÇA DE VIDA DOS INDIVÍDUOS CASADOS  
GERAÇÕES NASCIDAS DE 1780 A 1870 (MARÍTIMOS)**



No caso das famílias dependentes da actividade marítima (Figura 4 e Tabela A5), embora os indivíduos de sexo masculino apresentem inicialmente uma esperança de vida de aproximadamente 46 anos, superior à dos homens em geral, destacam-se por um acentuado declive de valores nos grupos etários seguintes, sobretudo entre os 40 e os 60 anos, onde os respectivos desvios rondam os 12 meses. Esta redução do tempo de vida esperado estará de algum modo relacionada com a dureza das tarefas desempenhadas por este sector sócio-profissional, mas também com os frequentes naufrágios que, até finais do século XIX, ciclicamente vitimaram pescadores e tripulantes de barcos, muitos deles assegurando a travessia do porto da Madalena para o porto da Horta<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> ROCHA, G. - *Dinâmica Populacional dos Açores no Século XX - Unidade, Permanência, Diversidade*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1991, 189.

<sup>29</sup> SANTOS, C. M. - «O mar, entre a vida e a morte - «Apontamentos sobre desastres marítimos ocorridos ao largo da Madalena (ilha do Pico) entre 1665 e 1875», *Boletim Informativo do NEPS*, Universidade do Minho, Guimarães, XI, 2002, 1-3.



Pelo contrário, as suas mulheres sobressaem pela sua teórica longevidade apresentando uma probabilidade de sobrevivência de 48.6 anos no grupo de partida e chegando a distanciar-se 4 anos dos valores registados para toda a população feminina.

Estes comportamentos divergentes sendo dificilmente interpretáveis a partir das fontes disponíveis, apelam para um aprofundamento do fenómeno através do cruzamento de informações de carácter socioeconómico e antropológico. Neste sentido, a abordagem do quotidiano e dos hábitos alimentares nos diferentes estratos sociais poderá eventualmente contribuir para esclarecer os motivos da excepcional longevidade das mulheres do mar relativamente aos comportamentos da globalidade da população, onde a longevidade também se situa num patamar de excepcionalidade por referência à maior parte das populações da época.

## Fontes

Arquivo Histórico Ultramarino, *Açores, Lista de marítimos do Pico em 1770*, cx. 8, nº 16.

Arquivo Histórico Ultramarino, *Açores, Mapa da População da ilha do Pico em 1770*, cx. 8, nº 6.

Arquivo do Governo Civil da Horta, *Mapa da População da Freguesia da Madalena em 1838*, (sem tratamento arquivístico).

Arquivo do Governo Civil da Horta, *Mapa da População da Freguesia da Criação Velha em 1838*, (sem tratamento arquivístico).

Arquivo do Governo Civil da Horta, *Mapa da População da Freguesia das Bandeiras em 1838*, (sem tratamento arquivístico).

Arquivo do Governo Civil da Horta, *Mapa da População da Freguesia da Candelária em 1838*, (sem tratamento arquivístico)

Arquivo do Governo Civil da Horta, *Mapa da População da Freguesia de S. Mateus em 1838*, (sem tratamento arquivístico).

Arquivo do Governo Civil da Horta, *Mapas da População das Freguesias do Concelho da Madalena, em 1819 e 1826* (sem tratamento arquivístico)

Instituto Nacional de Estatística, *Recenseamentos da população portuguesa*; Lisboa, 1864, 1878, 1890, 1900, 1911, 1920, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970.

## Bibliografia citada

- ALVES, J. F. – *Uma comunidade rural do Vale do Ave. S. Tiago de Bougado: 1650-1849 (estudo demográfico)*, dissertação de mestrado, Universidade do Porto - Faculdade de Letras, 1986.
- AMORIM, M. N. – *Rebordãos e a sua População nos séculos XVII e XVIII*. Estudo Demográfico. Imprensa Nacional, Lisboa, 1973.
- AMORIM, M. N. – *Método de exploração dos livros de registos paroquiais. Cardanha e a sua população de 1573 a 1800*, Centro de estudos Demográficos - I.N.E, Lisboa, 1980.
- AMORIM, M. N. – «S. Pedro de Poiães e a sua população de 1561 a 1830», *Brigantia*, 3, 1983, 273-304, 377-418, 531-576.
- AMORIM, M. N. – «Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses», *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, IX, 1, 1991, 7-25.
- AMORIM, M. N. – *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 1992.
- FLINN, M. W. – *The European Demographic System, 1500-1820*, The Harvester Press; Suffolk, 1981.
- HENRY, L. e HOUDAILLE, J. (1978) – «Célibat et âge au mariage aux XVIIIe et XIXe siècles en France, I. Célibat définitif», *Population*, 33, 1, 1978, 43-84.
- LIVI-BACCI, M. – *A Century of Portuguese Fertility*, Princeton University Press, Princeton, 1971.
- MACEDO, A. L. S. – *História das quatro ilhas que formam o distrito da Horta*, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Angra do Heroísmo, 3, 1981.
- MADEIRA, A. B. – *População e emigração nos Açores (1766-1820)*, Patrimonia, Cascais, 1999, 38.
- MENESES, A. F. – «Os Marítimos nos Açores em 1770 – 1771», em *Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal - Portos, escalas e ilhéus no relacionamento entre o Ocidente e o Oriente*, Edição Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses e Universidade dos Açores, 1, 2001, 431-457.
- MESQUITA, M. H. – *Evolução demográfica na Criação Velha, paróquia do Sul do Pico (1801-1993)*, Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, 1998.
- ROCHA, G. e RODRIGUES V. – «A população dos Açores no ano de 1849», *Arquipélago*, nº especial, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1983.
- ROCHA, G. – *Dinâmica Populacional dos Açores no Século XX - Unidade, Permanência, Diversidade*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1991.
- SANTOS, C. M. – «O mar, entre a vida e a morte – Apontamentos sobre desastres marítimos ocorridos ao largo da Madalena (ilha do Pico) entre 1665 e 1875», *Boletim Informativo do NEPS*, Universidade do Minho, Guimarães, XI, 2002, 1-3.
- SANTOS, C. M. – *Biodemografia do concelho da Madalena – Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico*, tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2004.
- SCOTT, A. S. – *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (Séculos XVIII e XIX)*, Universidade do Minho - NEPS/ICS, Guimarães, 1999.
- ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, C. R. e FERREIRA, O. V. – «Étude géologique de l'île de Pico (Açores)», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 46, 1962, separata.

## Anexos

**TABELA A1. IDADE MÉDIA E MEDIANA AO PRIMEIRO CASAMENTO (<50 ANOS)  
PERÍODOS DE 1720 A 1899 (POR DÉCADAS)**

Décadas	Homens			Mulheres		
	N	Média	Mediana	N	Média	Mediana
1720-1729	152	27.6	26	177	23.9	23
1730-1739	159	27.0	26	221	23.4	22
1740-1749	250	28.1	27	289	25.0	24
1750-1759	273	27.4	26	316	24.0	23
1760-1769	282	28.4	27	299	23.8	22
1770-1779	275	28.4	27	313	24.7	23
1780-1789	299	28.8	27	333	24.6	23
1790-1799	355	28.6	27	385	25.2	24
1800-1809	381	28.0	26	394	24.9	23
1810-1819	438	27.5	26	479	24.9	23
1820-1829	399	27.2	26	430	24.9	23
1830-1839	439	27.8	26	483	24.9	23
1840-1849	355	28.6	27	393	26.0	24
1850-1859	315	30.1	28	342	26.5	25
1860-1869	245	30.9	29	266	29.4	28
1870-1879	290	29.7	28	323	28.5	27
1880-1889	253	29.6	28	296	27.1	25
1890-1899	280	28.1	26	306	26.2	23

**TABELA A2. TAXAS DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA POR GRUPOS DE IDADE (%)  
E DESCENDÊNCIA TEÓRICA POR DÉCADAS**

Décadas	N	Grupos de idade							D. T.
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	
1720-1729	133	333	337	347	292	249	150	23	8.66
1730-1739	134	386	378	336	298	279	141	15	9.17
1740-1749	172	306	337	316	313	270	147	32	8.61
1750-1759	188	312	329	342	323	276	153	29	8.82
1760-1769	199	266	365	351	322	271	182	27	8.92
1770-1779	196	295	389	330	322	301	169	15	9.11
1780-1789	223	257	383	363	353	285	186	25	9.26
1790-1799	276	355	382	368	338	296	167	27	9.67
1800-1809	312	324	415	367	348	306	202	25	9.94
1810-1819	369	318	440	402	362	303	208	27	10.30
1820-1829	328	282	387	363	344	292	171	21	9.30
1830-1839	356	375	403	370	326	285	162	19	9.70
1840-1849	258	361	413	361	332	262	166	18	9.57
1850-1859	238	460	389	348	321	290	147	13	9.84
1860-1869	235	345	460	406	360	285	178	20	10.27
1870-1879	300	515	416	398	358	286	155	16	10.72
1880-1889	272	380	434	383	341	283	128	14	9.82
1890-1899	307	372	440	369	304	244	116	15	9.30

**TABELA A3. INTERVALOS INTERGENÉSICOS MÉDIOS**

Intervalos	1800-1899	
	Toda a População	Marítimos
1º	28.9	27.0
2º	31.7	31.2
3º	33.1	31.9
4º	33.4	31.5
5º	33.2	31.3
6º	32.2	30.5
7º	32.5	29.7
Nº Famílias	3331	219

TABELA A4. CONCEPÇÕES PRÉ-NUPCIAIS 1800-1899

	Total Intervalos		Intervalos <8 meses	
	Nº		Nº	%
<b>Toda a População</b>	3830		325	8.5
<b>Marítimos</b>	234		26	11.1

TABELA A5. ESPERANÇA DE VIDA DE INDIVÍDUOS CASADOS

Gerações nascidas de 1780-1870						
Idades	Toda a População			Marítimos		
	Homens N = 2415	Mulheres N = 2639	Total N = 5054	Homens N = 157	Mulheres N = 191	Total N = 348
25	45.0	46.0	45.5	45.9	48.6	47.4
30	40.6	41.9	41.3	40.9	44.6	42.9
35	36.3	38.1	37.2	36.1	39.8	38.1
40	32.1	34.1	33.2	31.8	35.8	34.0
45	28.0	30.3	29.2	27.2	32.0	29.8
50	24.1	26.2	25.1	22.9	27.5	25.4
55	20.4	22.3	21.4	19.2	23.0	21.3
60	16.5	18.5	17.6	15.2	19.2	17.4
65	13.1	14.8	14.0	11.5	15.2	13.5
70	10.2	11.6	10.9	9.2	12.0	10.9
75	7.7	8.8	8.3	7.6	8.9	8.4
80	5.6	6.3	6.0	5.4	6.8	6.3
85	4.0	4.6	4.4	4.0	5.5	5.0
90	2.9	3.2	3.1	4.5	3.8	3.9
95	3.5	2.0	2.4	2.5	2.7	2.6